

# BRASIL - PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1906

N.º 186

## O caso Schröeter



«Onde nasceste? onde brincaste, oh, bella  
Rosa singella que não tens jardim?»  
Na Porcalhota? No Rocio? A' Estrella?  
Em Vienna? Na China? Ou em Berlim?



# Pela Italia

II

## De Genova a Montecatini

**E**ntar na Italia por Genova é ter de chofre a inapagavel impressão de toda a grandeza antiga d'este emporio da arte. As suas ruas principais, a via Balbi, via Cairoli e a via Garibaldi são um museu de palacios opulentos, que eu visitára ha dezesete annos, porque quasi todos elles são preciosas galerias de arte expostas ao publico, mas que me deram n'este momento uma ideia mais viva e nitida do que eram em plena Renascença a força, o poder e o ideal artistico, digâmo-lo assim, dos Doria e dos Pallavicini. Não ha um só, sobresaído a todos o da Universidade, cuja entrada sumptuosa, cujo atrio ladeado de poderosas columnas de marmore, não deixe antevar as riquezas decorativas, os primores architectonicos, as maravilhas d'arte que no interior se ostentam, e em que trabalharam os grandes artistas do seculo xvi chamados pelos principes e pelos fidalgos genovezes, os Brignole-Sale, os Cambiaso, os Cataldi, os Doria, os Balbi, os Parodi e tantos outros.

Mas esta sensação do maravilhoso na opulencia d'outras épocas não se completa sem visitar as grandes egrejas de Genova, sem demorar a attenção nas vetustas preciosidades archeologicas da sua cathedral gothica, que é uma redução de S Pedro de Roma, sem extasiar a vista na cupula soberba, pintada pelos grandes artistas de 1587, nas columnas de marmore, nos rendilhados lavores da talha, na formosa combinação das côres, em toda essa imponencia dominante e suggestiva da mais bella egreja genoveza *A Annunziata*, que eu visitei antes de todas, por não ter esquecido a recommendação instantane que me fizera em Lisboa o conego Senna Freitas de não deixar de admirar, com olhos de ver, um dos mais bellos monumentos religiosos da arte seiscentista.

Mas deixemos Genova com as opulencias do seu passado e entranhem-nos na cidade moderna com o seu amplo porto, para as obras do qual doou vinte milhões de liras o duque de Galliera,



Genova — Igreja da Annunziata



Viareggio — Estalecimento de barcos

porto em que se alinham, disciplinados, como os soldados n'um batalhão, centenas de navios das maiores lotações, e passemos um novo golpe de vista pelo Campo Santo — vasto museu d'arte — o mais bello cemiterio da Europa, examinemos por um momento o espantoso movimento do seu caes, que está disputando superioridade ao de Marselha, atravessemos as suas novas praças decoradas com as estatuas de Colombo, do duque de Galliera, de Victor Manuel, e de tantos outros homens illustres, subamos o ascensor que vae da praça Zena ao forte Castellaccio, e d'essa altura de 400 metros, contemplemos o panorama vasto e encantador em que se tem a illusão flagrante de que a formosa cidade dos Dorias emerge do Oceano.

E' forçoso darmos um abraço ao Joaquim d'Araujo, consul de Portugal, velho amigo, poeta na Italia como o era ahí, que ha dezesete annos deixou de divagar pelas ruas e cafés de Lisboa, que eu nunca mais vira desde então, e com o qual desejava avivar recordações da nossa mocidade litteraria.

Esse prazer só me foi concedido á porta do hotel, onde o Araujo aguardava a minha chegada, prevenido por um cartão que lhe deixára no consulado. Era do-

mingo, eu tinha de deixar Genova no dia seguinte e estava já perdida a esperanza de nos encontrarmos, quando o conde d'Ameal, que conversava com elle á porta do Hotel Royal Aquila, ao avistar-me me disse: "aqui o tem."

Escusado é acrescentar que, para não perdemos os velhos habitos, se prolongou pela noite esta como que reciproca *interview* em que se resumiram as impressões de dezesete annos de ausencia. Para me provar que, não só aos doutores, mas tambem *não fazem damno as musas nem aos consules*, disse-me da sua ultima lavra primorosos versos em que a sensibilidade lyrica corre parelha com a veia satyrica, como se os trabalhos prosaicos dos conhecimentos de navios e dos relatorios consulares não tivessem tido o poder de estancar as fontes inspirativas do poeta.

Mas a phase interessante e para mim novissima em que elle se revelou foi a do crente. Joaquim d'Araujo cre em Santo Antonio. E, o que é mais ainda do que crer, conversa com o Santo, o seu mais illustre patricio. Todos os dias que lhe deixam disponiveis os trabalhos profissionaes vae a



Padua — Altar de Santo Antonio na egreja do Santo



Padua consultar Santo Antonio. E de cada vez que lhe fala ouve uma voz que lhe replica: é a do thaumaturgo. Santo Antonio dentro da sua sumptuosa basilica paduana responde como um advogado a todas as consultas que lhe faz o seu antigo cliente, o seu amigo fiel. E, convicto como um christão de antigas eras, na absorção religiosa de um crente, o Araujo faz revelações extraordinarias. Nunca deixou de seguir os conselhos do santo porque nunca o santo o enganou. Elle apresenta documentos vivos, pessoas que são testemunhas authenticas de factos que valorizam a sua crença e mostram a intimidade das suas relações espirituaes com Santo Antonio.

Não repetirei com o poeta:

*Digam agora os sabios da Escriptura  
Que segredos são estes da natura.*

Mas depois de ouvir o Joaquim d'Araujo abonar com a sua palavra de honra casos extraordinarios que me revelou, sou levado a reconhecer que estamos em presença de um phenomeno de telepathia que, a par de outros, aproveitará a algum sabio futuro para estabelecer qualquer lei scientifica sobre assumptos de tal transcendencia que hoje, principalmente na douda Allemanha, occupam a attenção de graves pensadores.

São 11 da noite, atravessamos a Galeria Masini e subimos ao Consulado de Portugal a dar uma vista de olhos aos livros e ás collecções philatelic e numismaticas em que hoje se exercita a proverbial tenacidade de Joaquim d'Araujo: e finda ella, já meia noite dada, ouvimos cá de baixo uma voz: "O' Araujo! O' Araujo!",

Crí que fosse Santo Antonio. Não era. Era um rapaz de Lisboa, Eugenio de Barros, engenheiro naval, que chegava de Bordeus, e vinha dar um abraço ao seu amigo.

Deixei-os, metti-me n'um electrico que me levou ao hotel, e na manhã seguinte... para Montecatini.

Sete horas em *direttissimo*, com tres de demora em Viareggio, á espera de outro comboio, em quanto o que me trouxera seguia para Pisa.

São agradavelmente aproveitadas essas horas, primeiro n'um almoço rapido, depois n'uma visita a essa encantadora e vasta praia balnear, mais extensa que qualquer das nossas, toda orlada de elegantes kiosques, de restaurantes *chics*, de casas de banho com todos os confortos modernos, e limitada por um verde parque, que eu vi a essa hora cortado de bicycletas, de automoveis e de carrinhos de creanças, impellido pelas *bonnes*.

D'ahi a duas horas e meia: Lucca, a velha cidade murada, coberta de monumentos, e ás nove e meia da noite: Montecatini.

Montecatini, isto é, as *Thermas Reaes* de Montecatini.

Antes de visitar a exposição de Milão e de percorrer outras cidades italianas, precisei de restaurar a saude, um tanto combalida,

européia, senador, e director do Instituto de Estudos Polyclinicos de Florença. Ha entre os medicos inspectores outros nomes illustres, salientando-se o de Baccelli, o celebre professor de Roma que á ultima hora — hão de lembrar-se — foi impedido de honrar com a sua assistencia o congresso de medicina de Lisboa.

Todos dizem maravilhas d'estas aguas, frequentadas annualmente, entre estrangeiros de toda a parte, por uns duzentos brasileiros, mas de todo desconhecidas em Portugal. Em mim, por exemplo, tão rapidos e efficazes resultados ellas estão produzindo,



Montecatini alto

sob o regimen imposto pelo professor Grocco, que chamar para ellas a attenção do meu paiz julgo um dever.

Montecatini Alto está a 400 metros acima do nivel do mar. E' a séde da velha communa, sobre a qual se ergue o rouqueiro castello medieval, de onde a vista se espraia por um horizonte illimitado, montanhas altissimas, valles amplos e verdejantes, e tudo isto tão cultivado, tratado com tanto cuidado e esmero o terreno todo em volta, em que abunda a vinha, a oliveira, o castanheiro, o ulmeiro, a faia, e todas as arvores de fructa europeia, que os olhos se não cançam de espraia-se por esta vastidão, ao mesmo tempo util e bella.

Cá em baixo as *thermas*, para onde se desce por um funicular, isto é, cá em baixo a elegancia, o luxo, uma infinidade de hotéis e restaurantes, o casino, os theatros, o parque, e, seria ommissão não citar, a *Locanda Maggiore*, o velho e vasto hotel, explorado, como as aguas, pelo governo italiano, celebre por ser aquella que Verdi escolheu durante longos annos para sua residencia na epoca thermal, e em cuja fachada estão inscriptas a letras de ouro n'uma lapide de marmore estas palavras mandadas gravar pela communa de Montecatini:

GIUSEPPE VERDI

NEGLI ULTIMI ANNI  
CERCÓ A QUESTE ACQUE  
IL SEGRETO  
DI FARE LUNGA LA GIOVINESSA  
E CONFIDÓ A QUESTE AURE  
QUELLE INDEFINITE NOTE DELL'ANIMA  
CHE IL GENIO DIVINA  
SULLA SOGLIA DELL'IMMORTALITÀ  
7 LUGLIO 1901

Ao Joaquim de Araujo devo a agradável apresentação de um amigo seu, e hoje de ambos, que vem aqui todos os annos, e que me tem feito uma excellente companhia.

E' um compatriota nosso, Innocencio Caldeira, do Porto, que deixou a arte lyrica no meio de uma carreira em que já contava triumphos, conquistados nos theatros da capital e confirmados pela numerosa assistencia que o ouviu cantar na Sociedade de Geographia de Lisboa na noite em que festejou o seu centesimo concerto a Real Academia de Amadores de Musica.

Caldeira, marido da Bulicoff, que foi uma cantora notavel bem conhecida de Lisboa, retirada da scena tambem, vive hoje de todo, tão italianisado quanto é possivel a um homem de fino espirito e elevado gosto, na sua encantadora *villa* de Milão, para onde partiu ha dois dias, com grande pesar meu, porque até á minha retirada para a bella cidade italiana, me priva do encanto da sua conversação, e da sua intimidade, que deu um inolvidavel relevo á minha *villegiatura* de Montecatini.

N'este isolamento forçado mas felizmente curto, o olhar deriva



Banhos de Montecatini

n'estas aguas famosas, cujos saes arrastam todos os achaques de figado, estomago, rhins e intestinos. São consideradas dez vezes mais efficazes que as de Carlsbad, e confirmam o seu valor, milagroso cento e oitenta mil pessoas que n'esta estação, quasi finda, as tem visitado. Como cogumellos as nascentes brotam de todos os lados, e divergem, como a sua quantidade, as riquezas mineraes que as constituem. Nove estabelecimentos de banhos se espalham por esta linda estancia, e a direcção sanitaria de todos elles confiou-a o governo ao professor Pietro Grocco, medico de celebridade





Dr. Pietro Grocco

da paisagem que o sol ilumina para as figuras varias, excéntricas na maior parte, que povoam esta estancia.

No meu hotel, por exemplo, o *Grand Albergo Gabriello*, um dos mais bem servidos, dos mais pittorescos e dos mais confortaveis de Montecatini, defrontando com a montanha, em plena região de *sorgenti minerali*, ha typos e grupos que vale a pena fixar. E á hora da *colazione* ou do *pranzo*, na enorme sala de jantar, é que é ve-los e observa-los.

N'esta meza á direita é um inglez dos seus sessenta annos, que parece arrancado á *Família Inglesa* do nosso Julio Diniz, acompanhado da consorte, duas filhas e dois filhos. O methodo, a gravidade, a disciplina chegaram ali e pararam. Quando acabam o repasto saem todos a um de

fundo, elle o ultimo, a seguir a mulher, e depois os filhos pela ordem das alturas. E elle, grave, hirto, de suissas brancas, vem cumprimentando os que ficam com um movimento isochrono de cabeça, que se diria produzido por um machinismo de aço. Ao lado uma interessante marquezia, de Malta. Acompanham-n'a dois filhos e um coronel ainda novo... que não é o marquez. Conversa em todas as linguas com a mesma facilidade e vertiginosa rapidez com que conversa na sua... que se não sabe qual é. Tem corrido o globo inteiro... excepto Lisboa, e foi talvez por excesso de amabilidade que me disse mais ou menos, em boa prosa franceza o conhecido verso do nosso Thomaz Ribeiro:

\*Eu nunca vi Lisboa e tenho pena...

Quando eu lhe mandar alguns postaes illustrados do nosso paiz abono a palavra lusitana e pago um tributo á graciosidade e á bôlha... malteza.

E este conde florentino, logo aqui á minha esquerda! Este velho conde, forte e vermelho, que fala imperiosamente, em voz tonitruante, como se por ella passassem, dispondo e ordenando, vinte gerações de avoengos feudaes! E defronte, aquelle marquez feito pelo papa, que paga o jantar a duas freiras n'outra meza afastada, e que na ultima epoca thermal gastou um milhão com o jogo e com... o amor. E este advogado sardenho, que vae para um congresso em Milão, e que para dar cabo das suas dilatações de estomago vem entabular conversas dando sobre coisas minimas explicações eruditas e fazendo dissertações sem fim a proposito de ninharias! E aquelles dois velhitos montanhezes marido e mulher, que vem ha quarenta e sete annos tomar as aguas do Tettuccio, e... *faes passe et des meilleurs*, porque seria um interminavel desfilhar de raridades, que teem sido para mim e para o Caldeira um *pratinho* mais saboroso que os do *menu*.

Vae partir o correio e nem lhes falei ainda das excursões aos

pontos mais interessantes d'esta parte da Toscana. E, contudo, eu desejaría que me acompanhassem *in mente* á *piccola città* de Pescia, a duas horas e meia de carruagem, e lá entrassem comigo n'essa tepida tarde de domingo em que a Providencia dos viajantes me poz em presença de uma procissão catholica, como ha alguns seculos se faziam. Digo a Providencia porque ha muitos habitantes das grandes cidades italianas que nunca viram uma procissão — só nas pequenas terras ou provincia ellas são permittidas. Teriam occasião de ver desfilhar centenas de frades dominicanos com os seus habitos, fazendo parte do cortejo religioso, os irrnãos das confrarias com os seus negros *capucci* tapando-lhes o rosto, como na grande procissão de Sevilha, e um bispo caracteristicamente medieval, chupado e livido como Leão XIII, resando latim n'um movimento convulsivo de labios, e deitando a benção aos milhares de fieis, que ajoelhavam á sua passagem.

Entre este espectáculo religioso e aquelle que eu vinha de observar a meia hora de Pescia que fundo contraste! Imaginem uma quinta opulentissima, a mais bella da Italia, a *villa* Collodi, do marquez Garzoni, com trezentos annos d'existencia, labyrinthos, cascatas formidaveis, um originalissimo *theatre-nature*, centenas de estatuas, emergindo de nichos de verdura e de macissos de buxo, uma floresta de bambus, camelias como em Cintra, limoeiros a marginar as aléas, toda esta ostentação principesca modelada pela de Versailles — com a differença de que o parque é em declive estendendo-se pela montanha, e no cume o palacio senhorial recheado de obras primas.

Outra curiosidade d'esta região, digna de nota, é a famosa gruta Giusti, em Monsummano, na base da montanha Valdinievole. De uma profundidade e de uma extensão enormes, a natureza cavou-a toda na rocha e enriqueceu-a com myriades de estalactites e esta-



Villa Grocco

lagmites. Um rio corre ao fundo e sobre elle, de umas para outras secções da gruta, foram lançadas pontes. Para vê-la pagam tres lyras os visitantes que em quartos confortaveis se despem á entrada, para envergarem um *robe de chambre* de linho com que teem de resistir ao asphyxiante calor da gruta. Mas que espectáculo! O *Paraiso* primeiro, depois o *Purgatorio* e por fim o *Inferno*. São os seus nomes de baptismo. E no inferno, onde o calor abraza, está a salvação! Da Inglaterra, da Allemanha, da Russia, de toda a parte, veem os rheumaticos, os gottosos, pedir a cura milagrosa ao calor mineral da gruta, que raro a recusa. Com este poder therapeutico affirmam-me que a gruta Giusti, onde tambem eu *apanhei um calor*, é unica no mundo.

Pistoia é a excursão final, antes de deixar Montecatini, e não se me apagará da retina o aspecto inconfundivel da velha cidade Toscana, em que os Lucca della Robia, todos tres, deixaram maravilhas esculpidas, e em cujos templos dos seculos XII e XIV os pintores e os architectos do grande seculo ergueram o genio ás cumiadas da arte.

Mas Milão e o correio chamam-me, é tempo de deixar estas thermas e de pôr ponto n'esta carta, que vae longa. Vou pela ultima vez, dentro de poucas horas, cortar a estrada verdejante que do *albergo* me leva á *gare*, toda orlada de loureiros que perfumam o ambiente, como se Monteca-



Montecatini — Á aguas...



tinis os tivesse ali á mão, para coroar de louros os triumphadores... das doenças, e n'um ou n'outro ponto marginadas de vinhas em latada de que pendem cachos abundantes, de oliveiras, castanheiros e amoras de vallado, para me darem talvez a impressão de que está encravado na Toscana um pedaço da minha terra, e de que está em qualquer região do planeta a raça latina só tem uma patria.

Montecatini — Outubro — 1906.

JAYME VICTOR.

## Politica internacional

**A**final sempre a revolução cubana teve o desfecho, que os mais pessimistas lhe prognosticavam. Os americanos desembarcaram em Cuba e a estas horas a independência da ilha foi substituída pela occupação militar yankee, que para muitos já se affigura como o prologo da futura annexação.

Sem irmos tão longe nas nossas supposições, e querendo ainda acreditar (talvez ingenuamente!) na sinceridade das declarações sollemnes feitas pelo governo de Washington, é certo todavia que a causa da independência cubana acaba de soffrer um rude golpe. N'um momento todo o trabalho emancipador dos ultimos annos ficou perdido, e volta-se a uma situação quasi analoga ao *statu quo* antes da guerra hispano-americana. Por culpa de quem? Evidentemente de todos. O presidente Estrada Palma é culpado por ter acirrado o odio dos liberaes e não se ter prestado á conciliação, que parece lhe era proposta pelos revoltosos. Os liberaes são culpados por terem desde logo recorrido ás armas, quando diante de si tinham meios para fazer triumphar as suas ideias, preferindo por uma obstinada obsecração entregar de novo o paiz ao estrangeiro. Os Estados-Unidos são tambem culpados, por se terem apressado tanto a intervir pela força, quando tudo fazia crer que a sua intervenção pacifica e a simples pressão moral, que estavam exercendo sobre os revoltosos e sobre o governo de Havana, bastariam para levar a um accordo os dois contendores.

Parecia mesmo, que depois da mensagem de Roosevelt ao ministro de Cuba e da viagem do sr. Taft á capital da ilha, a situação tinha melhorado muito e que tudo se dispunha para a solução amigavel, que teria respeitado a independência cubana: Não foi, porém, assim. E á ultima hora, completamente inesperado, realisa-se o desembarque, assumindo os Estados-Unidos o governo da ilha, installando ali uma administração militar e substituindo-se para todos os effeitos ao governo nacional. Tão singular e inexplicavel pressa denuncia mais o proposito de lançar mão do primeiro pretexto para se apoderar de Cuba, do que a necessidade impereterivel de restabelecer a ordem e de proteger a vida e a propriedade dos estrangeiros na ilha, como incumbie ao presidente dos Estados-Unidos pelo artigo 3.º da convenção entre os dois paizes.

Na grande União americana, que não somente é grande na prosperidade de que goza, mas tambem nos vícios que lhe corrom o organismo, não raro os interesses financeiros e commerciaes determinam a orientação dos governos. Não estaremos nós em presença de um d'estes casos, que a propria firmeza de caracter e integridade moral de Roosevelt não poderam evitar?... Quem em todo o caso a estas horas se deve ter legitimamente regosijado é a nossa vizinha Espanha, á qual a America arrancou Cuba para... a fazer independente.

A situação actual das relações politicas austro-italianas presta-se ás mais singulares apreciações.



Pescia — Praça Victor Manuel

A Italia pela sua accessão á Triplíce Alliança tornou-se aliada da Austria, com quem officialmente se vê obrigada a manter relações pelo menos correctas. Não obstante, porém, esta aliança, não se passa um dia, em que qualquer incidente desagradavel não venha a manifestar-se entre as duas nações, a ponto de ser quasi que um logar commum na imprensa dos dois paizes, sobretudo na italiana, de que é inevitavel a breve trecho uma guerra entre as duas aliadas. Ainda não ha muitas semanas, que se deram os lamentaveis incidentes entre croatas e italianos na Dalmacia, e já hoje o *Giornale d'Italia* publica, precedida de um artigo de sensação, as entrevistas de um almirante italiano e de um diplomata allemão, em que a probabilidade de uma proxima guerra austro-italiana é dada como certa. O que ha de verdade em todos estes rumores? Seja como fór, o simples facto de elles correrem com tão grande persistencia denuncia um estado de espirito em ambos os paizes eminentemente favoravel á explosão do conflicto. Artigos como o do *Giornale d'Italia* são symptomaticos.

Não ha duvida que a aliança da Austria e da Italia foi uma combinação puramente de chancellaria, em que os dois povos não tomaram parte. Foi Bismark que para os fins da sua machievelica politica pôz em pratica tal accordo, obrigando a Italia a subscrever a elle, pelo recio habilmente explorado de uma invasão da França e da tentativa d'esta ultima nação de restabelecer o poder temporal do Papa. Os tempos, porém, mudaram. Bismark morreu. Ultimou-se o accordo franco-italiano. A politica religiosa da Republica franceza variou de orientação, rompendo violentamente com o Vaticano, e afastando-se assim o espectro de uma eventual cruzada para sentar outra vez no throno o Papa-Rei.

Nestes termos os dois *aliados* voltaram, senão officialmente, pelo menos de facto a sua situação anterior, quer dizer, olhando-se como inimigos, cujos interesses irreconciliaveis mais cedo ou mais tarde se hão-de chocar. E a opposição dos respectivos interesses é em verdade manifesta.

Ha em primeiro logar a *Italia irredenta*, isto é, a parte do Tyrol e da Dalmacia habitada em grande parte por italianos, que a Italia reclama como sua para completar a obra da unificação da peninsula. Ha em segundo logar a Albania, que os gabinetes de Vienna e de Roma consideram cada um por sua parte, como campo de eventual expansão para as respectivas nações, e que constitue por isso hoje um perigoso pómo de discórdia, cheio das mais inquietadoras ameaças.

Como se vê não faltam os motivos de discórdia, que todos os dias dão logar a novas complicações. Juntem-se ainda a estas causas as disposições pouco amigaveis dos dois paizes, que sempre se olharam como inimigos tradicionaes, o legitimo ressentimento de todos os italianos por ainda não lhes ter sido paga em Roma a visita, que ha mais de dez annos o fallecido rei Humberto fez ao imperador Francisco José, e ter-se-hão elementos mais do que sufficientes para avaliar o estado das relações entre os dois paizes.

Evidentemente só a Alemanha pôde impedir que estale abertamente o conflicto, se isso convier aos seus interesses. Mas convirá ainda? E' o que parece duvidoso.

Enquanto a Triplíce Alliança correspondia á intenção com que foi creada, e enquanto a Alemanha podia vêr n'ella uma salvaguarda para os seus interesses e para assuas ambições, é manifesto que a Alemanha tinha todo o empenho em que os seus dois aliados não se enfraquecessem por uma luta entre elles.

Hoje, porém, que a Triplíce Alliança depois da conferencia de Algeiras se dissolveu de facto, ainda que continue a existir no papel, e que a Alemanha sabe que n'uma



Montecatini — Belleza... de acental



hora critica não pôde contar com a Italia, que se lhe escapará como se lhe escapou agora a proposito da questão de Marrocos, o empenho em conservar a integridade das forças militares italianas não pôde ser o mesmo. Mas ha ainda mais.

De hoje em diante o maior interesse da Allemanha será vêr a Italia enfraquecida e contribuir para esse enfraquecimento. Vamos a vêr porque.

Nos incessantes sonhos de engrandecimento, na insaciavel ancia de expansão, a Allemanha depois de ter augmentado o seu territorio



Monsummano — A gruta Giusti. — entrada

e a sua população á custa da Dinamarca, da Austria e da França, começou a dirigir para o Oriente e Sul da Europa a attenção. O *Drang nach Osten* e o *Drang nach Süden* passaram a ser o alvo da nova orientação. São conhecidas as intenções da Allemanha na Asia Menor e as suas ambições no Mediterraneo. As primeiras explicam o procedimento do Kaiser para com a Turquia; as segundas esclarecem a recente aventura de Marrocos, em que de repente o imperio germanico assumiu uma tal posição, que por pouco a guerra se não desencadeou. Na Asia Menor conta o Kaiser fundar um protectorado allemão, que lhe permita ter voz preponderante n'aquella parte do Oriente, e pela linha ferrea de Bagdad ameaçar os russos e os inglezes na propria Asia Central. No Mediterraneo conta o mesmo Kaiser obter um ponto de apoio, não só para a sua situação estrategica n'este mar, mas ainda para o desenvolvimento do commercio allemão, em competencia com os francezes, os inglezes e os italianos. Ora, dada a actual desorganisação da Austria, precursora do seu futuro esphacelamento, e dada a situação privilegiada da Allemanha com relação á parte germanica d'essa mesma Austria, não é difficil advinhar qual será o ponto de apoio, que a Allemanha n'um futuro mais ou menos proximo se propõe adquirir — é o porto de Trieste, natural sabida do Sul da Grande-Allemanha, logo que o desmembramento final da monarchia austro-hungara seja um facto consumado. D'esta maneira o commercio allemão dispozo de dois grandes emporios, um ao norte — Hamburgo, outro ao sul — Trieste — apertaria a Europa no seu ferro amplexo e teria aniquilado todos os esforços rivales. E ainda como appendice de Trieste, e para consolidar a sua posição mediterranea, necessita a Allemanha de um ponto da costa norte-africana, que lhe permita realizar com melhor exito o que em Marrocos não poude conseguir. Tambem não é difficil de perceber que o unico ponto n'estas condições é Tripoli. Mas para obter Trieste e assentar o dominio em Tripoli é preciso passar por sobre a Italia, que já formulou as suas pretensões com relação ao primeiro, como parte d'essa terra *irredenta* que ella tem que libertar, e com relação ao segundo como a colonia, que lhe é indispensavel conquistar, depois que a França se assenhoreou de Tunis. Não é agora perfeitamente claro o motivo porque hoje a Allemanha, depois dos ultimos acontecimentos, tem todo o interesse em deixar enfraquecer a Italia, sua futura antagonista?...

CONSIGLIERI PEDROSO.

A historia é a consciencia do genero humano.

Janciro — o mez lyrico dos gatos.

## Mysterio e mágoa

Proximo ao pôr do sol, já quando no horizonte se apertava um véu roxo de crepuscular neblina, e pela terra se dissimulavam leves sombras de passageira viuvez, subi ao monte para melhor receber as benções do repouso incipiente e contemplar o cair da noite, triste e magestoso.

Parei a meio da encosta, olhando o mar distante, vagamente marcado ao fim da planicie. Em baixo, no valle profundo e apertado, mal se sentia o correr da agua. As aldeias estão longe; de lá não vem rumor. Nem sequer ouço o tanger de rebanhos na pastagem; de certo, recolheram ao aprisco. Cerca-me a solidão; e manda ao meu encontro os mensageiros que induzem os peregrinos a ajoelhar nos seus altares, para agradecer os lenitivos que só ali se encontram, longe de um mundo vão e mentiroso.

Ali mesmo, porém, ainda distingo rastros humanos. A meu lado, talhado entre fragedos por um trabalhador heroico e ignorado, abriu-se na penedia um pequenino prado, como esculpindo a taça da abundancia na rebelde esterilidade dos rochedos. Sobre o prado alguém fez correr a frescura das nascentes, depois de o rodear da oliveira que alumia e de outras arvores, de fructos doces, rubicundos. A um canto construiu a cabana, ninho pobre onde logra descanso, sem se afastar da terra amada, prescrutando o latejar creator.

Em frente da cabana, além, a escarpa do outro lado está vestida de pinhal cerrado e vasto.

Mais tarde, no rumor da multidão, lembrou-me essa cabana da montanha.

Na memoria revia-a solitaria, ora em face dos incendios rubros do poente, ora volvida para o remanso escuro do pinhal, onde sentia acoutar-se a paz, cantada pelo vento, n'um queixime sonoro. E a imagem do tosco abrigo, emquanto evocava a serenidade esplendida dos astros e da terra, constringia-me na oppressão d'uma saudade não totalmente isenta de ciúme.

Que invejava? O prado que anima um pedaço da montanha, o seu brotar de viço na aridez? As penedias mudas, ás quaes inteira serenidade é concedida com a doçura dos afagos do sol sobre o ocase e dos sonhos embalados pelos cantares mansos do pinhal? Ou, anejiando por um repouso em vão sonhado de continuo, que parece fugir se mais ardente o procuramos, invejei o obscuro cavador e a sua cabana, livre dos homens e sómente entregue á austeridade santa do trabalho e á fatalidade das estações do tempo?

Nada sei. Levado no mysterio e em mágoas, o espirito desvairasse. Será certo talvez que onde passou o coração humano, passou o tormento e ficou o rasto doloroso. Essa montanha que seria um paraíso, se ninguém lhe houvesse perturbado a solidão, foi purgatorio no dia em que ali penetrou a voz dos homens. O arranço do cavador na obsessão tenaz do seu sustento, como o lamento do viandante, mortificado pela longa jornada n'este mundo, ensanguentaram o céu translucido, onde o sol se cõa, e as fontes limpidas que nascem dos granitos.

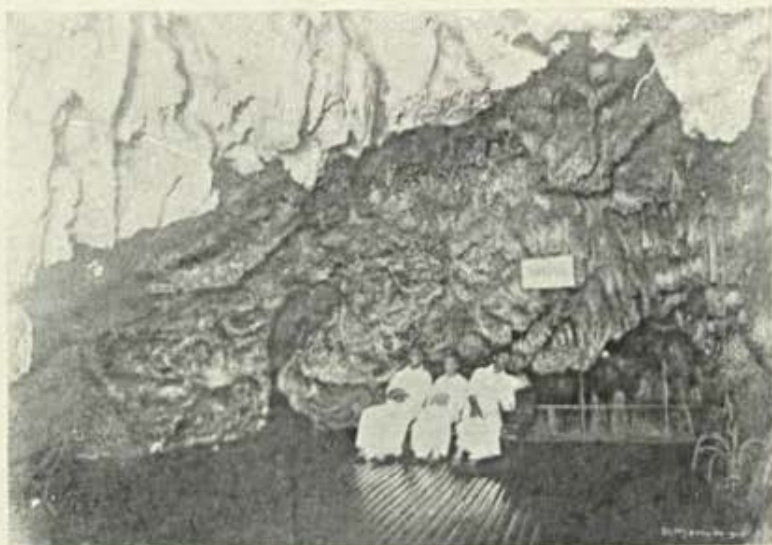
Mysterio e mágoa!... Não poderemos sentir a terra sem a ver atravez do nosso sangue! Não poderemos contemplar as torrentes da vida inconsciente sem ver a fluctuar no torvelinho os pedaços do proprio coração!

(Da *Via Redemptora*).

JAYME MAGALHÃES LIMA.

Tudo o que existe na natureza existe na arte.

O dominio da arte e o da natureza são perfeitamente disetintos.



Monsummano — A gruta Giusti — O inferno



# Alleães em Lisboa

**A**ugmenta a corrente de curiosos á nossa cidade. Tanto se tem discutido Lisboa e o seu porto, tão grande reclamo gratuito nos chega da Argentina, desde que a lei Luro nos sobressaltou, que os estrangeiros sentiram pruridos de nos conhecer e ver de perto as apreçadas bellezas. Por outro lado as viagens regias dos ultimos annos e a visita do presi-

citado sr. Echegaray desacreditando a cidade e o porto de Lisboa, que o *Brasil-Portugal* tanto enalteceu em numeros passados, os quaes numeros levaram para a America latina a verdade graphica dos factos, a qual verdade muito surprehendeu os latinos de allemar, que desde logo esfriaram sobre o projecto do concurso de navegação.

Falemos do *Schleswig* que para o *Brasil-Portugal* esteve na ordem do dia, aproveitemos o ensejo para mais uma vez mostrar o facil caes de embarque do posto de desinfecção, e sejamos amaveis com a Allemanha reproduzindo instantaneos dos nossos hospedes de alguns dias.

Ha mezes, muitos mezes, um grupo de banqueiros alleães resolveu uma viagem a Portugal, nos confins do mundo. Dificuldades, objecções. Equivaleria a ir ao pólo norte. Choveram telegram-



O paquete alleão «Schleswig», atracado ao caes do posto de desinfecção



Touristes

mas para o Porto, do Porto para Lisboa, de Lisboa para a provincia, da provincia para Lisboa, de Lisboa para a Allemanha.

Que podiam vir. Que não tivessem receio. Que não ficariam sem jantar. Que a Batalha teria muito gosto em os receber. Que não haveria guardas fiscaes a apalpar gente. Então o *Schleswig* fez-se ao mar e approou ao Porto que lhe abriu os braços, bizarramente, e lhe offereceu carruagens e lhe deu almoço.

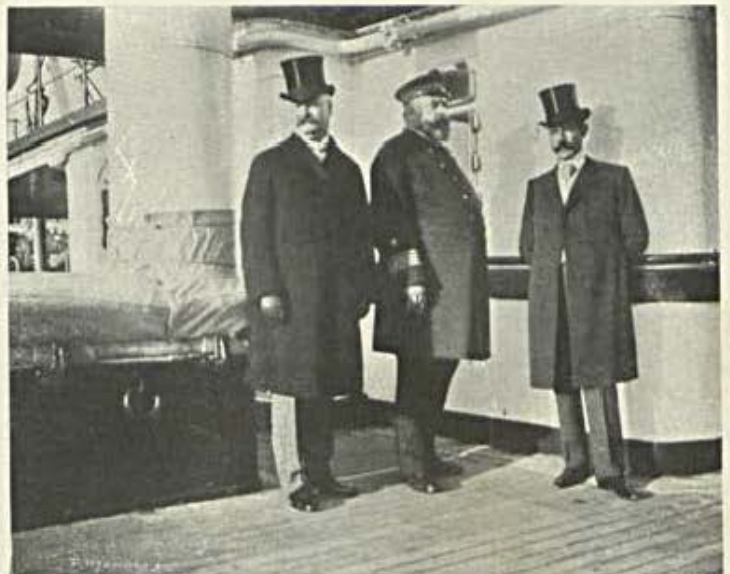
E a troupe, já alegre, e sem hesitar, foi ver a Batalha e pasmou. E foi visitar o Bussaco e scismou n'aquelle sonho de sombras frescas. E quando julgava ter de passar pelas forcas caudinas da estação central, viu-se levada pelo comboio ao posto de desinfecção onde o *Schleswig*, amarrado, dormia tranquillamente, confiadamente. E no dia seguinte admirou o vasto estuario do Tejo, foi ver os Jeronymos, e Cintra, e Cascaes e o resto. E abriu-se em interjeições a troupe, sobretudo o elemento feminino, que não se cansava de nos mirar da cabeça aos pés e de admirar as nossas coi-

dente Loubet levaram para longe o echo d'este cantinho do occidente, d'este *pays du soleil* tão cantado e tão desconhecido.

Somos já citados, ainda com certo espanto, como povo que não veste tanga e que entra afoito no bom caminho das finanças e da moralidade, aberto a enxadadas de energias pelo sr. João Franco. O sr. João Franco entrou com o pé direito. Não contava com collaboradores para levantar os creditos do paiz, e elles surgem-lhe de todos os lados. Trouxe-lh'os a lei Luro — lei providencial que deu á luz o sr. Echegaray, os confrontos do porto de Vigo com o de Lisboa, a intervenção das companhias de navegação transatlantica, o acabamento precipitado do posto de desinfecção, a morte do Lazareto, a ideia de acabar com os passaportes, o apparecimento da *Propaganda de Portugal* — que por seu turno deu á luz o quarto *sud-express* —, a affluencia de novos paquetes á grande bacia do Tejo, as viagens de recreio com escala obrigada por aqui.

E ao passo que nos mercados de fóra os nossos fundos sobem, o sr. João Franco, das altas janellas do ministerio do reino esfrega as mãos a ver desfilar os excursionistas do Norte que dia a dia nos visitam embasbacando, nas suas flanelas brancas para o nosso céu azul e para as arcarias do Terreiro do Paço. E' que todos esses excursionistas collaboram com elle na grande obra de resurgimento de Portugal, são os porta-vozes do que fômos, do que sômos e do que seremos. E o sr. João Franco, olympico, radiante, applaude os collaboradores que vieram atraidos pela fama do seu pulso rijo, e que irão dizer para o seu paiz que os homens não se medem aos palmos e que esta pequena lingua geographica merece bem uma visita demorada.

E merece. O que temos é pouco, mas esse pouco chega para *épater le bourgeois* que, na sua passagem rapida, não tem tempo para ver o que falta fazer, e o que sobeja em atrazo.



A bordo do «Schleswig». — O commandante Pesh entre os srs. D. M. Lane e João José Pereira, representantes do navio

Tudo isto a proposito do *Schleswig*. Falemos, pois, do *Schleswig*, visto que não é nosso intuito fazer concorrência ao supra-



sas, incluindo os cartazes que ornamentam todas as paredes da terra.

A ancia e a delicia com que aquelles peitos bebiam a pureza do nosso ar, a ternura estarecida com que aquellas Evas de olhos azues nos acariciavam a vaidade, attentando na nossa civilização de rabona, despertaram-nos desejos de as abraçar em globo — abraço innocente em que iria toda a nossa gratidão e que o proprio padroeiro dos amanuenses daria com alma.

Ora como o abraço poderia trazer complicações internacionaes,



Allemaes em Lisboa. — Visita da imprensa ao «Schleswig»

mandámos ao encontro dos *touristes* uma objectiva fiel que nos trouxe, colhidas em flagrante, caras bonitas de allemaes, as *silhouettes* não menos bonitas do sr. Lane e do sr. Pereira, os representantes do *Schleswig*, as caras, lindas é claro, da imprensa lisboeta a bordo, e as pessoas de peso que projectaram o passeio ao Tejo. Ellas aqui ficam gravadas para todo o sempre, e nós aqui ficamos de chapéu na mão n'uma interminavel reverencia de agradecimento ao aioroso *Schleswig*, que em toda esta alluvião de paavras apenas figurou com o seu nome euphonico de arvezada pronuncia.

## A quinze dias de vista...

Letras que nao obrigam a protesto

XIII

*O lindo outono. Os seus encantos. O unico encanto do outono... para os que d'elle não gostam. Uma estação na decadencia. O sr. João Franco favorece o outono. Apologia da estação. Um passeio n'uma tarde de outono. Lisboa antiga e Lisboa moderna. As novas avenidas e ruas e os homens illustres. Em pleno campo. Um passeante que se julga nas proximidades do Porto e que ainda não sahio de Lisboa. N'uma horta. Um aspecto. A camara dos deputados á mesma hora. Outro aspecto.*

*Que lindo outono, está! Que temperatura deliciosa, que formosos dias a azul e oiro! E a luz, esta luz que encolce tudo n'uma tepidez acariciante de ba-uh!*...

Tudo isto são encantos, não ha duvida. Mas para quasi toda a gente o unico encanto do outono é... annunciar o inverno. Digam lá o que disserem, a verdade é esta: o outono foi, sempre, uma estação pouco amada. A parte meia duzia de poetas que cantam lóas ás folhas amarelladas que se desprendem das arvores sobre as aguas mortas dos lagos, ninguem faz caso do outono, ninguem pensa no outono. O outono não é época que marque para coisa alguma. Toda a gente diz: lá para o inverno, farei isto; na primavera, se Deus quizer, aquillo; se tiver vida e saude para lá chegar, no verão farei aquell'outro. Mas ninguem pensa no outono. Isso sim!...

Não atino com a razão porque isto assim é, mas é assim mesmo. Creio que o outono não desapareceu ainda dos calendarios por causa das vindimas e da matança de porcos. Cada vez mais esquecida, esta pobre estação! Ainda

lhe valeu, este anno, o sr. João Franco com a abertura do parlamento. E a pobre para receber condignamente os paes da patria vestiu as suas melhores galas. Ao menos mostra-se reconhecida pelo favor recebido. Na minha humilde opinião, se os srs. Augusto José da Cunha e Thomaz Pizarro lhes officiassem agradecendo a recepção feita aos seus presídios, não só cumpririam um rudimentar dever de cortezia como, tambem, um indeclinavel dever de gratidão. Isto, é claro, a não ser que o sr. João Franco antecipe a declaração de que não ha verba para agradecimentos.

Eu sou dos poucos, dos raros amigos do outono. E' no outono que eu começo a trabalhar a valer. E' no outono que me apetece ir, de manhã cedo, para o meu visinho jardim da Escola Polytechnica, reler — sabem o que? as *Odes* de Horacio, coisa que eu não faria, em circumstancia alguma n'outra occasião. Pelas tardes placidas sinto a necessidade de fugir á cidade e caleuriar por esses arrabaldes, á cata de creaturas, animaes, coisas rusticas. E logo que saio as portas e encontro na primeira azinhaga o primeiro boi, substituido com vantagem o ultimo policia encontrado na ultima rua; logo que em pleno campo sinto a plangente chiada d'un carro de bois, consolando o meu ouvido irritado com o silvo da sereja do automovel cidadão; assim que a ingenua e rude canção de uma salaia se segue, como uma variante de numero de revista, á pretenciosa cantoria de opera d'uma menina de Lisboa; assim que um amavel porco vem focinhar no meu casaco, pouco antes focinhado por um outro animal bem mais antipathico, o cauteleiro, — eu sinto-me outro homem, leve, jovial, despreocupado, feliz. E sobe por mim um impeto de fraternisar com tudo: de cumprimentar o boi, de beijar a salaia, de abraçar o porco...

Effeitos magicos da doçura inegalavel da estação, da enorme atmospheria dos seus dias, do azul suave do horizonte, da veludinea caricia da luz. Sente-se a gente bem; sente-se boa. Pelo menos, eu transformo-me. E a quantas pessoas não succederá o mesmo? No em tanto, ninguem confessa que o outono lhe proporciona bem-estar; ninguem se mostra grato a esta quadra amavel que pacifica os espiritos, que tonifica os nervos, — que nos faz bons. Porque é um facto averiguado por homens de sciencia e por muitos que o não são: a nossa sensibilidade afina prodigiosamente sob a influencia do outono. D'ahi o refinar-se a nossa affectividade, o sentirmo-nos capazes de fazer alguma coisa pelos outros — quem sabe? — até um sacrificio. O homem, que no inverno, na primavera, no estio, é o inimigo — officio do mesmo officio, andar de calças — no outono é o nosso irmão. Eu, no caso dos srs. Alfonso Costa e Antonio José d'Almeida, só faria a republica no outono. Bella estação para tudo: até para fazer asneiras!

N'uma d'estas ultimas tardes, puz o chapéu, peguei na bengala e abalei por ahí fora. Subi a Avenida da Liberdade, atravessei a rotunda e perdi-me na emaranhada meada das novas avenidas e ruas a que os homens illustres da nossa terra fizeram o favor de emprestar os seus prestigiosos nomes. E, palavra de pessoa sincera!: devo dizer-lhes que nunca julguei que houvesse tantas avenidas e ainda menos tantos grandes homens. Que fartura, louvado seja o Senhor! Até uma pessoa se orgulha de ter nascido n'esta terra. Topei com tantos, tantos nomes, que cheguei por um momento a alimentar a doce esperanza de dar com o meu em alguma esquina. Ainda lá não está. Recommendo este *ainda* á edilidade lisbonense. A bom edil um adverbio basta.

Por fim acabaram as ruas e avenidas e aos meus olhos pasmos de tanta celebridade desapareceu o ultimo nome illustre. Fiquei com esta impressão: não ha mais homens illustres porque não ha, por ora, mais ruas. Mas é uma questão de tempo. Mentalmente acrescentei: esperemos. E aqui para nós, que miguem nos ouve, mais anno, menos anno, verão se a razão não estava do meu lado.

Lisboa dá, hoje, áquelles que a conheceram ha 25 annos, — e eu sou um d'esses braves — a impressião de que não acaba. Porque nin-



Allemaes em Lisboa. — Touristes



guem pôde imaginar, sem a percorrer de lés a lés, o que esta cidade tem crescido. Quem, como eu se recordar da Lisboa que, para todo o lisboeta que se presava, acabava na travessa das Vaçcas, e que hoje palmilha toda a área consignada á capital pelos governos que felizmente nos tem tomado á sua conta, fica, como se costuma dizer, com a cara a uma banda. Anda a gente, anda, anda, e nunca vê termo ao caminho. Chega-se a a desorientar. Foi o que me succedeu. Fatigadissimo, tendo passado junto de uma igreja que não conhecia, sentei-me n'uma pedra. Olhei em roda e, como no *Noivado do Sepul-*

essa luz que jorrava n'um dilúvio de bênçãos do sol de outono, acariciante e morno, para lhe agradecer toda a paz, toda a felicidade, todo o bem-estar d'aquelle momento...

A essa hora, na camara dos deputados, as legiões da opposição atacavam furiosamente o sr. ministro da fazenda, que diziam ser austriaco, adduzindo em favor do seu asserto um sem numero de razões de ordem juridica, de ordem moral, de todas as ordens. Por sua parte, a colligação liberal trovejava que o sr. ministro da fazenda fôra portuguez mas depois deixara de o ser para o tornar a ser, queimando os melhores cartuchos da sua argumentação, tambem de ordem juridica, tambem de ordem moral. No meio de tal barulho, o sr. ministro da fazenda já não se recordava de ter sido portuguez para depois ser austriaco e voltar a ser portuguez. Com a cabeça em agua, s. ex.ª já não sabia... de que terra era.

Palpita-me que s. ex.ª é dos muitos que não gostam do outono...

CAMARA LIMA.

## As forcas

N'um longinquo Outrôra, governava um ducado, vasto como um reino, o duque Alindôr.

Governava? Não. Vexava os povos, exigindo constantemente contribuições para as desabridas correrias nas fronteiras d'um estado visinho; violava as virgens espreitando o pasmo que se lhes abria nos olhos; mandava tirar dos thalamos enfeitados as esposas recentes, para gaudio das suas ceias, que se demoravam até á noite alta despejando vastas canecas de vinhos fortes.

Fôra a maldição que caíra sobre aquelles povos, um flagello peor que a peste, porque esta passa, e o duque, apesar das orgias, da sua gula infrene, da volupia, era forte e são aos cincoenta annos, e parecia um pagem na ligeireza com que saltava para a sella e ia para montes distantes e pelas florestas caçar faisões ou correr javalis.

A face gorda e vermelha respandecia no final dos festins; brilhavam-lhe os olhos azues e a barba ruiva como fogo, que elle afagava olhando o collo nû e branco das mulheres, uma grande lascivia na boca vermelha, grossa e molhada.

Seu pae, o duque Roberto, teimára muito em viver. Alquebrado, doente, dobrado para a terra como quem procura a sua cova, o duque Roberto parecia prender-se á vida com a mesma avidex com que guardava os esendos d'ouro nos esconderijos.

Passava as noites revolvendo ouro e pedrarias, á luz d'um lampadario.

Tomava mancheias de gemas e de moedas finas, e deixava-as cair, por uma cornucopia, como a Abundancia nas estatuas pagãs. E as gemas coruscavam, rutilava o ouro, e o duque ia beijal-os, um por um quasi, abraçava-se no chão aos montões, e só quando amanhecia fechava as chapeadas portas do Thesouro para ir descansar no seu leito.

Os mercadores, os arteífices, os homens que de sol a sol mourejam para arrancar á terra o seu sustento, tinham de pagar impostos pesados, mas no resto estavam contentes. As suas filhas dormiam socegadas nos leitos virgínes; e se algum, affeito e erimmoso, as ultrajava, cavalheiro, pagava a indemnisação, villão ia baloiçar-se nas forcas da grande cidade.

Alindôr vivia contrariado, nas vastas salas do palacio, corria a sua raiva pelos campos, não podendo satisfazer nenhuma das exigencias do seu espirito porque a sordidez do soberano lh'o impedia.

Seus famulos mais intimos ouviam-lhe phrases sinistras d'ameaça



Alleães em Lisboa. — Touristes

chro, não vi ninguem. Onde demonio estaria eu? Ora espera! Eu seguira para o Norte... Talvez proximo do Porto, em Espinho, na Granja... Pois certamente!

Segui. E na volta d'um cotovello de estrada, dei com umas portas e dois guardas-fiscaes.

— Oh sr. guarda, diz-me onde estou?

— A's portas de Lisboa.

— O sr. tem a certeza de que estas portas são de Lisboa?

Olhou o soldado para mim com cara de poucos amigos, rodou sobre os calcanhares e afastou-se, resmungando.

Fiquei attonito. Parecia-me um sonho, aquillo! Mas mal deixei de me sentir attonito, comeci a sentir fome. Era o estomago que tambem achava o caso muito extraordinario. Que fazer? Voltar a Lisboa?... Ora, que tollice! Em Lisboa estava eu, segundo a opinião auctorisadissima d'aquelle guarda-fiscal.

Alguem comecou a tanger o fado n'uma guitarra gemente. Olhei. Era n'um recinto por cujos muros cor de rosa marinhavam trepadeiras. Lá dentro, algumas arvores inclinavam sobre a estrada as frondes, espreitando. Espera! Talvez uma horta... Seria?... O meu estomago affirmava com uma grande convicção que sim, que era uma horta, que não tivesse eu duvidas e que fosse jantar.

Entrei. Bancos abancavam, sob as arvores, n'uma alegria ruidosa expandida em gargalhadas, ditos, cantigas. Por momentos a algazarra era infernal. A creadagem rodopiava. De toda a parte a chamavam, dando palmas, batendo com os talheres nas louças. Ao fundo, cercado de amigos, em frente de um grande melão em talhadas, o homem da guitarra tinha soluços na voz que rubricava a toada plangente do instrumento com a historia rimada de uns infelizes amores. A uma tósca meza de pinho, que a toalha mal cobria, uma linda mulher morena enlaçava com o braço esquerdo uma creança que beijocava furiosamente com a boca lambusada e cheia, uma alegria doida nos olhos que iam e vinham do pequerrucho para um adoravel typo de velhinha corcovada, toda sumida na renda preta d'uma mantilha, a bocca sorvida dos beijos do tempo franzida n'um sorriso para a felicidade dos seus filhos. Em todos os grupos havia animação. Nos rostos lia-se a felicidade, o bem-estar. Dir-se-ia que eramos, todos, ali, habitantes de um recanto do paiz da Felicidade.

E porque, Deus do ceu? Porque tanta alegria, tanta paz nos espiritos, tanta tranquillidade nos corações? Porque?... Não era tudo aquillo tão simples, tão comestinho?... Uma latada, algumas arvores, a trepadeira, uma sopa fumegando, uma posta de peixe doirada, uma sede de vinho marulhando espumante no fundo d'uma caneca... Mais nada! Comtudo, dirieis no ver toda aquella pobre gente, que a Fortuna chegara ali, ali assentára arrames, ali esbanjava prodigamente os seus thesouros.

De repente, tudo appareceu doirado: as arvores, a trepadeira, a cabeça branca da velhinha, a boca sensual e sorridente da filha... As cordas da guitarra do cantor faiscavam. A voz elevou-se, atirando aos ares o juramento de um amor eterno. Nos olhos dos companheiros brilhou uma commoção. E instinctivamente todos levantaram as cabeças para



Alleães em Lisboa. — Touristes



contra o duque, singulares palavras de morte que saíam violentamente da grossa boca sensual.

Parecia dizer que a vida fora feita para elle e não a deixavam gozar!

Para que não havia então nas adegas vinho bom, nos corpos tons tão finos de carne, bocas tão vermelhas e frescas, e tapetes das terras distantes que se podiam tomar aos mercadores estrangeiros, que vinham à cidade vendel-os em longas e lucrativas caminhadas?

Tantos prazeres no mundo e elle sem mando, sem poder, inutil toda



**Allemaes em Lisboa.** — A bordo do «Schleswig»

Srs. João José Pereira, socio de Pereira & Lane — K. Homann, official  
C. Nollf, official — O commandante do paquete, C. Pesh  
O immediato do «Schleswig», W. Bösche

aquella força de vida que parecia explodir nos seus trinta annos de moço valente, firme nas sellas dos cavallos indomaveis, nas guerras em que mais valia quem mais e mais forte dava as utilidades!

Mais feliz do que elle, sem duvida, pensava, era a sua triste irmã, que passava os dias no oratorio, a resar pelo noivo que se partira n'uma galéra para as terras onde vivera e morrera o Senhor, a conquistar um nome na terra e gloria nos céus.

E essa irmã pallida e franzina como uma flor que se morre, era a preferida do duque, a ella dava a sua benção e uma caricia todas as manhãs. Que até isso lhe custava a dar!

Uma noite, Alindór espertou o velho duque, que, pé anté pé, descalço, apenas uma luz tremente nas mãos caçadas, se dirigia ao Theatro.

E ali, ao reflexo do oiro, Alindór bateu com a cabeça do velho contra a pedra. Depois tomou-o nos braços e foi deixal-o no quarto, de boreo.

Alindór era o soberano, enfim! Depressa se esqueceu da angustia que se estampara no olhar do pae; depressa esqueceu o tragico peso d'aquelle corpo de macabro.

Foi duque! Foi senhor dos vassallos e das terras! E se alguém se atrevia a levantar um murmúrio contra elle, a negar ao fisco a exorbitante esportula, ia baloiçar ao vento, nas foreas.

Havia n'um dos extremos da cidade um quadrivio lugubre, o «Largo das Foreas». Defronte de cada rua, n'um poste, dançava ao vento o corpo d'um enforcado. E nunca as foreas ficavam viúvas, porque um corpo se não tirava sem que outro o viesse substituir. Os corvos tinham farta comida; e desciam nos bandos, rapidamente. Os ladrões vinham furtar as roupas. Os cadáveres nus ficavam ao luar e ao sol. E quem por lá passasse — raro se affoittavam — persignava-se devotamente.

Uma noite, em que os vinhos abundantes tinham corrido nas jarras, como fontes, o duque, sempre alegre nos festins, puzera-se sombrio.

Sem saber como, nem porquê, levantou-se deante d'elle a figura do velho pae assassinado à traição, no quarto onde a luz bruxoleante arrancava brilhos sinistros ás joias e ás moedas.

E emboreando n'um gesto desabrido a caneca cheia de vinho, levantou-se.

Todos se ergueram. E as mulheres, umas cortezãs chegadas da Italia, que tinham a pelle fina e a voz suave, quizeram rodear-lhe o pescoço com os braços nus. N'um gesto violento Alindór afastou-as. E saiu do palacio.

Toda a noite andou. Era uma noite quente e abafada, ameaçando trovoadas. Pelo céu empastavam-se as nuvens cinzentas, zebreadas de negro. E a lua velava-se em luto, detrás d'ellas.

Toda essa noite elle andou, solitario, pelas ruas desertas da cidade. E por toda a parte, no meio das praças, nos angulos das esquinas, nas curvas das ruas, via apparecer o duque Roberto, curvado, com a luzinha tremula, que o olhava com um olhar de censura e odio.

Corria para elle, allucinado, para o agarrar, estrangular, calcial-o debaixo dos pés, cortal-o em mil pedaços com a espada, fechal-o n'uma tumba, pôr-lhe em cima o peso d'uma cathedra, para que não tornasse a perseguil-o. Mas o velho desapparecia para surgir novamente do vão d'uma porta, da sombra d'uma arvore, nascer mesmo da terra e lançalhe o mesmo olhar!

Remorso? Não. Allindór não tinha remorsos do que fizera; o velho não podia viver muito e elle gosava espantosamente com as mulheres, os vinhos e as riquezas que accumulára no palacio.

Era uma troça que o enchia de raiva. Assim foi caminhando, até ao largo terrivel. Lá estavam, em cada topo de rua, as quatro foreas.

E em cada uma d'ellas um enforcado nú. A luz incerta do luar punha tons negros nos cadáveres. O duque teve medo, parou. Mas o velho chegou com a lanterna a cada um dos postes, illuminou um a um os cadáveres e disse-lhe:

— Escolhe a forea em que te has de enforear.

Era a voz do pae e essa voz que tinha o som metallico de duas moedas a chocarem-se!

Já não cresceu para a figura macabra; teve medo e tremou.

— E' por estarem occupadas que te não resolves? Desçam d'ahi!

Os cadáveres escorregaram mansamente pelos postes e estenderam-se no chão.

A lua, leitosa, appareceu no céu e illuminou as quatro foreas. Os olhos perdidos, Alindór olhava para ellas. Escolher? Como? Sabia elle em que consistia a bondade d'uma forea?

— Hesitas? Olha que são todas de carvalho. Mandei-as eu fazer. Custaram-me bem caro! Olha esta: que brilhante está ao luar.

Indicava-lhas, tinha uma palavra de louvôr para cada uma d'ellas.

Tento sair do largo, mas parecia que as foreas atravancavam as ruas. Faltava-lhe o ar. Mais negras, as nuvens desciam lentamente dos céus, quasi tocavam nos telhados esguios. As paredes nuas — como abrir-se o clarão d'uma janela sobre a praça dos enforcados? — tinham attitudes hostis. O velho continuava a engrandecer a solidez das traves, a elegancia das linhas.

Allucinado, Alindór, corria pela praça a querer subir a uma d'ellas para fugir do velho. Mas encontrava aos pés os cadáveres dos enforcados que pareciam guardal-as. Pediu ao

velho que o matasse, que não sabia escolher, que tirasse um dos cadáveres para poder subir e enlear uma corda ao pescoço e deixar-se baloiçar ao luar...

Mas o velho continuava com a lanterna, que tomara o resplendor d'um sol, illuminava a forea, a praça, enchia o céu, e gritava-lhe:

— Has de escolher! Has de escolher! Has de ser tu a escolher!

Alindór quiz tirar o punhal da bainha e matar-se; mas o punhal ficára preso, uma magia retinha-o.

E as foreas subiam, pareciam doiradas, tocadas pela luz formidavel de lanterninha tremente.

Quiz esmigalhar a cabeça de encontro ás paredes, mas ellas fugiam, recuavam, e por mais que corresse, não chegava a encontral-as.

Por fim, desesperadamente, correu para um dos postes e formando um pulo ponde segurar-se em cima e enrolando a corda ao pescoço, deixou-se cair no vazio.

A lua escondera-se, outra vez, sob as nuvens. A lanterna desapparecera. Apenas se ouvia, looginquo, um riso metallico, como uma fileira de moedas que se chocam...

(Das Contas Novas)

Henrique de Vasconcellos.



**Allemaes em Lisboa.** — Officiaes do «Schleswig»:  
W. Schwoon — C. Nollf — W. Böhme



# As bodas da nossa Maria

**E**ra a hora do esmorecer do dia, e já as estrellas, solícitas, accendiam lumes a afugentar o escuro.

O Arthur seguia, devagar, arrastando ao lado a bicycleta avariada.

A aldeia estava a dois passos. Já se via o fumo das chaminés subindo direito, n'uma tremura. A's vezes, vinha no ar, n'um guincho arrastado, o nome de alguém que se chamava para os campos. Balidos de ovelhas, que recolhiam, resoavam acima da chovalhada, em cadencia. Pios de andorinhas silvavam rez vez das estevas, demandando os ninhos, pendurados ao acaso, á toa, pelos beirões, pelas paredes velhas. Bandos de pardaes acoitavam-se chilreando na espessura dos ramos altos.

N'uma terra de restolho via-se a calva da eira, polida e amarelada. A' d'reita era a fonte.

Vinha d'ali echos alegres, risos, cantigas, exclamações. Uma rapariguinha descalça chorava sobre os destroços da bilha quebrada. E, no mais escuro, caía um jorro de agua, forte, sonoro, ininterrupto.

De espaço a espaço, ao substituir dos cantaros, espadanavam golofadas de agua; todos se arredavam com alarido. O Arthur indagou na fonte onde era a morada do Gabriel. Ao ouvir-o, fez-se um silencio, e olharam-n'o com desconfiança; mas uma rapariga saiu logo do rancho, muito satisfeita de poder prestar informações a um cyclista tão elegante.

— A casa do Graviel? ... E' muito pértinho. Olhe, vá o senhor por aquella quella, suba uma ladeirinha á sua mão direita ... E' logo ali.

E, depois do Arthur dar tres passos, como quem indica um infallível signal de reconhecimento:

— Está lá o gaiteiro.

Outra voz, suggestionada pelo exemplo, informou tambem:

— A filha do Gabriel casou hoje.

O Arthur bem o sabia. Era isso o que o trouxera ali. Tinha sido creado pela mulher do Gabriel, e attraia-o a curiosidade de ver já mulher, e talvez formosa, a sua irmã collaça, de quem se recordava vagamente, como de uma creança gentil com quem gostava de folgar nas visitas que a ama fazia com ella, durante a sua infancia. D'ahi, quando recebeu a carta dos paes d'ella solicitando, como uma grande honra, a sua presença nas bodas da nossa Maria, seguiu na bicycleta, guiado apenas por ligeiras indicações, para aquella aldeia da beira-Minho, que inteiramente desconhecia. No trajecto apedrejaram-no, perdeu-se duas vezes, teve uma avaria irreparavel na machina, e, por via d'estes imprevistos contratemplos só conseguiu avistar a aldeia ao cair da noite.

A casa do Gabriel era a ultima. Quando se approximou do quinteiro, resoava, acima do muro, de que se debruçavam as folhas espalgadas das figueiras baixas, um coro de risos e de sons de dança. Aberta a porta, veio de dentro uma onda de ruido e de poeira, que o sapateado levantava no ar. E aquelle pó ia empallidecer a verdura do quinteiro, as figueiras ramalhudas, as romanzeiras, em que já as flores vermelhas iam sendo substituidas por bolinhas verdes, o enorme loendro que tufava junto ao muro em copa espherica de grandes flores côr de rosa, e as roseiras de ao pé do poço, de folha-

gem crestada, cravejadas, por memoria das rosas desaparecidas, de alguns fructos redondos, casulos de semente.

A ama, ao reconhecê-lo, bradou:

— Ai, o meu menino! ... O menino Arthur! ... Olha, Maria, olha o sr. Arthur ...

E, com um sorriso, que os olhos humidos faziam caricioso, abraçou-o apertadamente, levada por um impulso de ternura quasi maternal.

Depois, reparando-lhe no bigode:

— Perdõe a minha confiança ... Perdõe ...

Quando se desviou, a dar lugar ao marido, e aos noivos, limpou, com disfarce, os olhos, donde saltavam lagrimas. O Arthur cumpri-

## Em Cascaes



Na bôca do Inferno — S. M. a Rainha e o sr. ministro da marinha

mentou aquella noiva d'aldeia, clara, rosada, simples, risonha, e foi amavel com o velho Gabriel, com o noivo, e com o padrinho, tres camponios, que vieram successivamente, muito acanhados, dar-lhe as boas vindas. Os outros quedaram-se em grupos, silenciosos.

E até se acalmou o entusiasmo dos artistas musicaes: o homem do bombo, asturiano melancolico, massico, que parecia talhado do tronco rijo de um castanheiro, e o da gaita de folles, esbelto, lume nos olhos, um arsinhinho petulante no sorriso, aspecto de guerrilheiro. A surpresa paralyzara a alegre expansão d'aquella gente.

Um lampejo fumoso recortava sombras na cal dos muros, e punha claros de luz baça nos rostos, no alaranjado dos lenços, na alvura das camisas.

Abundavam os chapéus de abas largas e as saias pretas; cordões de ouro tilintavam em bustos arredondados pelo corpete. O padrinho dos noivos, o tio Domingos, era um velhote rico, muito alegre, e morador na outra riba do Minho que já se chama Galliza; tinha vindo, á moda antiga, pedir a regueifa aos noivos, acompanhado de amigos e parentes, gaiteiro e zabumba. Reparando nos companheiros, desanimados, dirigiu-se aos diversos grupos em redôr, procurando parejas, e animando os tocadores:

— Toca, Antoninho, toca. Arriba allá, mocinhas bonitas!

Depois, voltou-se para um rapazito, que estava sentado na borda do poço sacudindo as soalhas de um pandeiro velho:

— E tu, Yaniño, puntea ben ...

N'esta distribuição de occupações não era esquecida a parte masculina da assembléa:

— Veña regueifa, rapazes, nun xe diga:

Nas bodas de noxa Maria  
Pan trigalho nan no habia ...



No tiro aos pombos

Lá estava, sobre a toalha de linho, uma enorme regueifa, com um ovo espetado em cima. Todos se escusavam ao convite, vexados. O Domingos, por brincadeira, foi desafiár a mulher do seu compadre Ramon, quarentona gorducha, que, em melhores



## Em Cascaes



Na praia

anos, era a cantadeira mais afamada das romagens de Alem-Minho, e disse-lhe uma cantiga popular:

Diga-me miã seõora,  
Xá que ten tanto saber:  
Cantos pelos ten um can  
Cando acabi de nacer?

Ella respondeu promptamente:

Cando acabi de nacer?  
Logo ch'o digo, amiquiño,  
Que todo está cheo d'elles,  
Desde o rabo hastr'a o focinho.

Terminadas as coplas continuou a musica, mas ninguem se moveu. Do cural vinham mugidos de gado, espantado, a casar-se com o retumtum dos tocadores. O Domingos não desanimou. Botou uma cantiguinha, á noiva:

Maricas, ti eres a lima,  
Y teu pae é o limon,  
Y tua nai a laranxa,  
Mira que comparacón.

Pelo silencio com que eram acolhidos estas tentativas, comprehendeu o Artcur que a sua presença annuviava a festa; dispoz-se, portanto, a ajudar o jovial padrinho na sua graciosa tarefa. Levantou-se, endireitou a camisola de riscas, alisou o cabelo curto, que a luz do lampeão lustrava de reflexos de seda, e, como sabia algumas cantigas andaluzas, porque, pela Paschoa antecedente, tinha assistido as festas de Sevilha, cantou-as, audaciosamente, com a melhor pronuncia que poude arranjar:

No canto porque me escuchén,  
Ni para lucir la voz,  
Canto porque no se junten  
La pena con el dolor.

E, dirigindo-se á noiva:

Me miro de arriba abajo,  
Y aluengo te miro a ti.  
Y alegria me dá el ver-te,  
Y pena de ver-me a mi.

A ama, entusiasmada, pediu que applaudissem:

— Ó Graviel, ó Domingos! palmas, batam palmas...  
Tão suggestivo era o pedido, que todos, irresistivelmente, applaudiram. E dissipou-se a nuvem de constrangimento, que parecia velar, com um veu de tristeza, todas as physionomias.

De resto, o rapaz teve o bom senso de não se ensoberbecer com o seu triumpho, e não rspeliu mais versos andaluzes, que por excessivamente sentimentaes, eram mal apreciados, em logar onde mais se estimava a jovialidade picante da musa popular gallega.

Um rapazote ergueu a voz a entoar uma arrastada miuñeira:

Cando te rexo na teira do rio  
Queda m'o corpo tembrand'o de frio...

Mas algumas vozes requereram cantares de regueifa:

Señora dama de froles,  
Do xardin ben froleado,  
Sirva s'usté de me dar  
Candéa para un cigarro.

Eu non sou dama de froles  
Do xardin ben froleado,  
Pero esta casa non nega  
Candela par'un cigarro.

Por muito tempo continuou o tiroteio.

Mas já iam sendo horas e a ama procurou com a vista os noivos. Estavam a um canto, de mãos dadas, calados, alheios ao barulho, nos olhos o extasi ingenuo de duas almas que o mesmo impulso amoroso arasta. Foram então saindo os foliões.

O Arthur, impossibilitado de retirar em bicycleta, desceu a estrada real, em busca da estação do caminho de ferro. Levou, como guarda de honra, o Gabriel, o Domingos, o Ramon, e a mulher, o Xanino, e mais dois ou tres.

As estrellas, maliciosas, pestanejavam e, ao longe, correndo pelo cimo dos milhares, de envolta com o cri-cri teimoso das cigarras, ouviam-se, já esmorecidos, já desfeitos na aragem, os ultimos sons da gaita de folles.

O Xanino trouxera um facho, e, por travessura, atirou-o para a terra arida, para o meio do matto resequido e retorcido da calma.

O lume rastilhou pelo chão, pondo estrias de ouro na aspereza das leiras, vergou o caule das gramineas, crepitou pelas folhas seccas, esbrazeado em rubores, aspergindo chispas, asphixiando-se em fumos acres.

O Ramon, ainda excitado pelas libações do verde, ensaiou com voz rouca uma cantiga:

«Diol-os faga ben casados»...

Mas a mulher interrompeu:

«Cala-ti, barbas de cza,  
Diol-os faga ben amados,  
Que ben casados xa estan.

Caminhavam a par, elle tropeçando a cada passo, ella batendo a chinellinha, e levantando um pouco a saia, para não a esfarrapar nas tojeiras.

Nas profundidades negras do Vallé, no fundo, luziam as duas lanternas da estação.

A volta, depois de sair o comboio, que levava o Arthur, olharam para o alto, que um clarão intenso avermelhava.

Ja o fogo lavrando pelo matto fóra, e a queimada crescia, reflectindo-se nas aguas lisas do rio.

SOPHIA DA SILVA.

## Regata em Cascaes



Envergando



## O castello de Faria

A breve distancia da villa de Barcellos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de franciscanos. Aprazível é o sitio, sombreando de velhas arvores. Sentem-se ali o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidão, a qual, para nes servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horizontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso mas, aspero e severo, como quasi todos os montes do Minho. Da sua corôa descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador collocado no cimo d'aquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinhaes apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso, e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de machinas de guerra. Claros signaes de que ali viveram homens; porque é com estas balizas que elles costumam deixar assignalados os sitios que escolheram para habitar na terra.

O castello de Faria, com suas torres e ameias, com sua barbacan e fosso, com seus postigos e alcapões ferrados, campeou ali como dominador dos valles vizinhos. Castello real da idade média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcaer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu. Ainda no seculo dezeseite parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte já nenhuma vestigios delle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio, fundado pelo celebre Egas Moniz, era o

unico echo do passado que ali restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança, D. Affonso. Era esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, ultimo senhor de Ceuta. D. Affonso, que seguira seu pae D. João I na conquista daquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a consigo para a villa de Barcellos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converten-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustreaes. O ruido dos combates calou no alto do monte, e nas faldas delle alevantaram-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de gloria. Os nossos maiores, porém, curavam mais de practicar façanhas do que de conservar os monumentos dellas. Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portuguezes.

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerara de seus antepassados em valor e prudencia, fora obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os thesours do estado. A condição principal, com que se poz termo a esta lueta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'el-rei de Castella: mas, brevemente a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com a affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os successos d'este sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, emquanto a maior parte do pequeno exercito portuguez trabalhava inutilmente ou por defender ou por dessecar Lisboa. Pendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até ás immedições de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, sahio-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que poudo ajuntar. Foi terrivel o conflicto; mas, por fim, foram desbaratados os portuguezes, cabindo alguns nas mãos dos adversarios.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Saira este com alguns soldados para soccorrer o conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'el-rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho, e era de crer que, vendo o pae em ferros, de bom grado dêsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaecavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pedia ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello; porque elle, com as suas exhortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um troço de bêsteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galliza seguia atraz com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O exercito victorioso ía tomar posse do castello de Faria, que lhe promettera dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acoller-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacan.

Nas torres, os atalaías vigiavam attentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda (\*) pelas quadrellas do muro e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas.

## Campeonato de natação



Taça offerta por El-rei ao Real Gymnasio Clus Portuguez para o campeonato



O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das creanças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distancia da barbaean, os bêsteiros que co-roavam as ameias encurvaram as béstas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojarem sobre os contrarios os seus quadrellos e virotões, enquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerte estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbaean; todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das machinas converteu-se n'um silencio profundo.

«Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galliza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja falar contigo, de fóra do teu castello.»

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando á barbaean, disse ao arauto — «A Virgem proteja meu pae: dizci-lhe que eu o espero.»

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e, depois de breve demora, o tropel approximon-se da barbaean. Chegados ao pé della, o velho guerreiro saiu d'entre seus guardadores e falou com o filho:

«Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguci á tua guarda quando vim em soccorro e ajuda do esforçado conde de Ceia?»

«E' — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem.»

«Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas d'elle?»

«Sei, oh meu pae! — proseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar — Mas não yês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?»

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então — «Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello sem tropeçarem no teu cadaver.»

«Morra! — gritou o almocadem castelhano — morra o que nos atraiçoo!» — E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

«Defende-te, alcaide! — foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbaean, clamando vingança. Uma nave de flechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accometteram o castello; no primeiro dia de combate o terreiro de barbaean ficou alastrado de cadaveres tisoados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeio incendiado para dentro da cerea; o vento suão soprava nesse dia com violencia, e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram junctamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldicção de seu pae: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves — «Defende-te, alcaide!»

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida diante dos tres muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constangido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fora encomendada por seu pae no ultimo trauce da vida. Mas lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide. Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cubrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrymas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ali uma unica pedra que a atteste. As relações dos historiadores foram mais duradoras que o marmore.

(Das *Leendas e Narrativas*)

ALEXANDRE HERCULANO.

(\*) Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias.

## OS FATUOS

Pela propria estulticia entumecidos,  
Exhibem-se na pose arrebicada  
Dos que agitam na mente esvasiada  
As fumaças de ingenuos presumidos.

Felizes, por viverem illudidos,  
A terra julgam ter avassalada,  
Como a posse nos céus tem reservada  
Dos bens áquelles taes já promettidos.

Em conclusão, os Fatuos são patétas  
Inoffensivos, que a fazer caretas  
Não provocam rigor para os punir.

Nenhum revela os dons dos Mattos Lobos,  
E se acabasse a raça d'esses bobos  
Faria falta para a gente rir.

M. M. PORTELLA.



### Onde canta o rouxinol



Justino Soares

† em outubro de 1906



## BIBLIOGRAPHIA

O illustre escriptor Rocha Pombo, director da *Historia da America*, secretario do *Instituto historico do Brasil*, escreveu uma obra monumental em que a historia brasileira apparece pela primeira vez á verdadeira altura.

N'um estylo lucido o criterioso, o notavel historiador soube conceber e agir por forma a dotar a sua patria de um imperecivel monumento. O descobrimento portuguez é descripto pelo sr. Rocha Pombo á verdadeira altura do feito. Funda todo o seu trabalho na rigorosa critica historica, *A descoberta do Brasil*, de Faustino da Fonseca, a que dedica as seguintes palavras :

«Este livro é a obra mais preciosa e mais completa de tudo que se publicou por occasião de celebrar-se em 1900 o 5.º centenario do descobrimento do Brasil. Revela, além da vasta erudição do seu auctor, o esforço e cuidado paciente com que foram colligidos, em grande copia, documentos originaes e ineditos a respeito de muitos pontos da historia d'aquellas navegações. Não ha palavras que possam exprimir todo o louvor que se deve a trabalho de tal magnitude — do qual na presente obra aproveitaremos, quanto se nos permittir, toda a substancia.»

## Theatros

**D**escida de thermometro, abertura de theatros. As primeiras chuvas cortam o veneno das romãs e fazem cravar os olhos nos tecidos da meia estação. Vagueia-se ainda pelas praias n'uma saudade pela roleta prohibida e aneia-se pelo conforto dos *foyers* e pelas novidades das ribaltas. Os 17º produzem arripios, mas como é do tom ficar á beira mar, ficam. E ás noites esgueiram-se á formiga e marcam-se encontros nos centros



M.lle Marguerite (*Domadora de leões*)

do anno passado, de preferencia no Colyseu, onde o roncar do oceano é substituido pelos roncões sensacionais dos leões de *mademoiselle Marguerite* — uma gentilissima mulher que se deixa lamber por feras e que sentirá um profundo desprezo pelas caricias delambidas d'est'outra raça de feras de dois pés a que nós pertencemos, ho-



The six Oxford-Cambridge (*Danças cantoras*)





M.elle Tina Clementa (*Novidade de sport*)

mens. E é tu cá tu lá com aquelles respeitaveis brutos que ella beija em plenos focinhos, e que encolhem as garras fascinadas pelos encantos da amante, mais felina do que elles.

E' vel os, os fugidos das praias, invejando os leões e consultando os relógios para não perderem o ultimo comboio. E todas as noites lá estão de binoculo assestado para *mademoiselle* Tina Cle-



Troupe Paoli (*Acrobatas*)

menta, para a domadora, para as seis Oxford Cambridge, para Leonce & Liliane, para as poses luminosas de *mademoiselle* Deodima — estampas que as praias não reproduzem, nem mesmo es-  
corregando as desairosas roupas de banho.

Manda a verdade dizer que a companhia é de primeira ordem e que o Santos é um empresario que nenhum americano saberia desbancar. Mas se é certo que os artistas de calças são bons, e elle um empresario modelo, não é menos certo que entre elles ha palminhos de cara de benza-te Deus, e esculturas de crear agua al-  
gures, na opinião de entendidos.

Escancarou as portas a Trindade, onde tantos artistas se fizeram, e onde ainda se conservam o velho Queiroz, o unico que nunca saiu, e Amelia Barros, a mesma dos bons tempos. Reliquias da casa, o publico festeja as carinhosamente sempre que surgem com a sua correcção e a sua graça. D'esta vez ficaram entre bastidores para cederem logar aos novos, aos que começam e promettem. E' que d'esta vez as *Tangerinas magicas*, aporuguezadas por Garrido, pediam sangue vivo e desenvoltura.

Uma peça phantastica com talismans e mutações, e alçapões quebra-pernas, e corpos ageis em meia nudez tentadora, e bruxarias, e coristas bonitas e comparsas esveltas, e canções picantes, e vozes theatraes — tudo isso, com surpresa o vimos, ella tem, mercê da varinha de condão de Taveira.

Aqui deixamos registado este nome ao lado dos nomes de The-



Frères Schlix (*Cyclistas*)

reza Mattos, Rentini, Delphina Victor. Gomes, Armando de Vasconcellos, Correia e Santos — os que se destacam.

Gymnasio. Citar o Gymnasio é o mesmo que citar o Valle. Ora o Valle, o grande amigo do Gervasio, não podia deixar de prestar homenagem ao seu morto querido, na abertura da epoca. E prestou-lh'a, resuscitando o *Commissario de policia*, a comedia que eternamente se conservará no repertorio da casa, que tantas vezes vibrou ao som das nossas gargalhadas. Esses tempos idos fomos nós relembra-  
r. E lá vimos o mesmo commissario e o seu escrivão, e a sua mana Jesuina, e a nossa Barbara, e o Telmo, mais gordo e sempre alegre, e um grupo de novos, que fazem honra aos da velha guarda.

Entrámos no Principe Real para vêr a *Feiticeira* que cederá logar ao *Templo de Salomão*, de respeitavel memoria. Gente conhecida ao lado de Lucinda do Carmo — o velho Gil que varias causas tem feito saltitar nos ultimos tempos, e Palmyra Torres, sempre graciosa e gentil, que ha pouco ainda nos deliciava no Gymnasio com a sua bella dicção.

Um aperto de mão a estes velhos conhecidos, e panno acima para exhibição da *Feiticeira* Lucinda.

N'um certo grau de exaltação ha muitas vezes, mais de positivo que de ideal.